

## ARTE E CULTURA NA BELÉM DA BELLE ÉPOQUE

Tatiara Rodrigues Ferranti\*  
tatiaraferranti@hotmail.com\*\*

Cellayne Patrícia Brito de Souza<sup>2</sup>  
cellayne7@hotmail.com

**RESUMO:** O presente artigo analisa a arte e a cultura na Belém da Belle Époque. Nos anos de 1870 a 1912, Belém viveu o esplendor de sua economia, o que lhe permitiu a consolidação de um modelo de sociedade moderna e luxuosa jamais visto novamente. As riquezas advindas da extração do látex, realizada nas seringueiras da floresta amazônica, possibilitaram, no cenário belenense, intensas transformações percebidas nas artes, na cultura e na urbanização da cidade. Para definir a cidade como uma metrópole da Amazônia, o Intendente Antônio Lemos buscou inspiração nos moldes europeus de sociedade. Logo, este trabalho tem como pretensões destacar como se estabeleceram as artes e a cultura neste período, que são de suma importância para o conhecimento do jornalista.

**Palavras-chaves:** Belém, Belle Époque, Arte, Cultura, Jornalismo.

**RESUMEN:** El presente artículo analiza la arte y la cultura en la Belém da Belle Époque. En los años 1870 a 1912, Belém vivió el esplendor de su economía, lo que permitió la efectución de un modelo de sociedad moderna y lujuosa nunca antes visto. Las riquezas das extracciones, realizadas em las caucheras de la floresta amazonica, posibilitaron, en La vista de Belém, muchas transformaciones, que eran observadas en las artes, en la cultura y en la urbanización de la ciudad. Para definir la ciudad como una metrópoli de la Amazonia, el Intendente Antônio Lemos buscó inspiración en las formas europeas de sociedad. Luego, ese trabajo tiene por objetivo apresentar como se destacó las artes y La cultura en este tiempo, que son de mucha importância para El conocimiento de El periodista.

**Palabras claves:** Belém, Belle Époque, Arte, Cultura, Periodismo.

---

\* Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e especialista em Comunicação Corporativa pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ). Graduada do curso de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará (UFPA) e membro dos projetos de pesquisa “Arte como Provocação à Leitura: Literatura e Cinema de Resistência Política” (PAPIM-UFPA) e “O duplo em narrativas de línguas portuguesa e espanhola do século XX” (CNPQ-Unila). Jornalista concursada da Assessoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Castanhal (PA).

\*\* Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e especialista em Comunicação Corporativa pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ).

## INTRODUÇÃO

Entre o final do século XIX e início do século XX, Belém vivenciou o auge de sua economia. Aqueles eram tempos em que a extração da borracha proporcionava benefícios imensuráveis à alta sociedade paraense. Na fase áurea da exportação do látex, Belém era a capital econômica dessa engenhosa empreitada.

Reforçando o processo de inserção da Amazônia no sistema capitalista mundial, toda a atividade econômica da região passou a girar em torno da borracha a partir de 1840. Em decorrência dessa nova ordem econômica, Belém assumiu o papel de principal porto de escoamento da produção gomífera, canalizando parte do excedente que se originou dessa economia para os cofres públicos os quais direcionaram o investimento para a área do urbano (SARGES, 2002, p.14).

A partir da década de 70 do século XIX, a migração nordestina para a Amazônia possibilitou a formação da força de trabalho para os seringais, e em consequência, a expansão da produção da borracha. O seringueiro tornou-se o elemento principal e indispensável no processo produtivo.

Logo, Belém foi atingida pela riqueza que vinha das matas, mais especificamente das seringueiras; e pôde apoderar-se de novos e refinados valores culturais anunciados nos hábitos luxuosos e higiênicos, na literatura, nas artes, no cinema, no teatro, na música e na arquitetura.

O simples fato de os senhores da época mandarem seus filhos para estudarem na Europa estimulava a realização desse novo momento, pois quando retornavam traziam novos maneirismos, o que de certa forma possibilitou uma mudança nos paradigmas sócio-comportamentais com novas posturas, intensificação das relações sociais, em que a vida privada e a pública passam a refletir esses novos hábitos trazidos da Europa.

A transformação pela qual passou Belém, engendrada pela economia da gomífera significou a materialização da modernidade expressa através da construção de obras, urbanização, formação de elites, na construção de “um modelo ideal de sociedade moderna isento de perturbação” (SARGES, 2002, p. 53).

Por meio do Intendente Antônio Lemos houve a consolidação desse modelo ideal de sociedade na Belém do Grão-Pará. Foi na modernidade e embelezamento da *Belle Époque* parisiense que ele se inspirou, pois a Europa era referencial de modernidade para o mundo. Ou seja, Lemos, espelhado na capital francesa, buscou implantar não só códigos de postura, como também um elo entre a Amazônia e o mundo.

Entender todo esse contexto histórico e cultural é indispensável aos jornalistas que forem produzir matérias referentes à Amazônia. Com o conhecimento advindo desse contexto, é possível as produções jornalísticas serem mais aprofundadas, pondo em questão os aspectos históricos, culturais e artísticos apresentados.

A urbanização e o embelezamento da cidade foram duas das principais formas de expor os planos almejados por Antônio Lemos, mas prédios e praças são incapazes de enunciar sozinhos as transformações típicas do modernismo. Por isso, as atitudes humanas sofreram mudanças necessárias para adequar-se aos valores culturais solicitados pela *Belle Époque*. Dessa forma, tal como o Rio de Janeiro e São Paulo, Belém também viveu de forma intensa conflitos cotidianos e tensões inerentes a uma sociedade que sofreu transformações econômicas. Exemplo disso é a proliferação do alcoolismo, da delinquência e da mendicância.

Entender esses hábitos da época contribui significativamente para o jornalista fazer referência e comparação aos dias atuais, no momento da elaboração do produto jornalístico, pois muitos desses costumes da época auge da borracha influenciaram de alguma forma os costumes deste século XXI.

Ensejado nesse rico período, ciclo áureo da borracha, o Intendente Antônio Lemos priorizou a higiene e a saúde pública na cidade Belém. Criou mecanismos de controle dos hábitos da população a fim de evitar a propagação de doenças epidêmicas. Lemos criou um órgão específico de controle das doenças - o Departamento Sanitário Municipal para abolir o odor da cidade. Para combater a crise da saúde pública, o intendente ainda construiu redes de esgoto, criou a coleta e cremação do lixo, e proporcionou a construção de um necrotério, do Ver-o-Peso e um Matadouro Público.

A preocupação com um ambiente limpo e agradável esteticamente também foi motivo de construções exclusivas da alta sociedade, como praças, quiosques, bosques e o próprio Teatro da Paz. Dessa feita, o cenário central da cidade passou a ter outra definição: elegante e chique, onde a burguesia aproveitou esse espaço para exibir seu poder e sua riqueza.

O resultado dessa nova estética da cidade é a modificação do espaço urbano, ou seja, a transferência das camadas populares que residiam nos centros urbanos para as áreas periféricas, como o bairro do Jurunas e Pedreira. Ainda houve a abertura de asilos. Em nome do progresso, Belém foi transformada em um centro cosmopolita com características urbanas das cidades europeias, principalmente de Paris.

### O REQUINTE DO VESTUÁRIO BELENENSE

A elite local (seringalistas, profissionais liberais, financistas, comerciantes e fazendeiros), grande beneficiada do lucro advindo da economia da borracha, expressava o refinamento de sua classe através do luxo e da ostentação. Os tecidos e chapéus consumidos eram importados da Europa. As lojas Paris N'América, Bom Marché, Leão na América e Maison Française, de Mme. Russo eram as principais lojas que vendiam tecidos e chapéus em Belém.

Também havia comerciantes ambulantes que vendiam fazendas francesas, inglesas e diversas miudezas em carros e tabuleiros. As damas ricas consumiam panos como serafins, sedas e veludos, muitas vezes importados da Europa, já as mulheres pobres tecidos de algodão e outros panos inferiores. Era comum as mulheres usarem vestidos longos e de mangas, típicos da Europa. Já aos homens, cabia o uso de chapéu, paletó e calça comprida.

O livro *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*, de Maria de Nazaré Sarges, ajuda-nos a entender melhor o porquê de as pessoas se vestirem daquele jeito: mesmo com nossas condições climáticas desfavoráveis, “as mudanças na moda estão intimamente ligadas às mudanças do modo de pensar, ser e sentir de uma sociedade”; logo, era fundamental tal luxo no vestuário local.

Gilda de Melo e Souza, no livro *O espírito das roupas*, também confirma essa tendência: A moda no século no século XIX caracteriza-se como um fenômeno cultural, social e estético, que busca captar as delicadezas características do vestir, com inovações e imitações, bem como as distinções sociais veiculadas pela indumentária e ornamentação.

As praças, bosques, lugares públicos de lazer, constituíam espaços de nova ordenação espacial e estética onde todos queriam ir para serem vistos; a exemplo, o Bosque Municipal, onde a elite belenense se reunia para tomar o chá das cinco (da tarde) no Chalé de Ferro ali localizado. Afinal, ser visto era a pretensão da nova elite. Esses lugares identificavam, através do vestuário, a que classe cada um pertencia.

As mulheres burguesas do início do século XX frequentavam também missas dominicais, bem como reuniões beneficentes e de boa anfitriã nos salões; as que se autodenominavam elegantes possuíam um vestido para cada ocasião: para usar em casa, para sair a passeio, bailes, teatro e até mesmo para luto. Sem participação política, elas assumiam o papel de mães e educadoras. Mas não somente às mães cabia a responsabilidade da formação intelectual e moral das crianças,

O Estado deveria preocupar-se em formar o caráter da criança, incentivando-lhe o amor ao trabalho, o respeito pelos superiores em geral, as noções de bem e mal, de ordem e desordem, de civilização e barbárie, enfim, os princípios da moral burguesa (SARGES, 2002, p. 27).

Tocar piano, bordar, dominar a culinária e o idioma francês eram outros deveres indispensáveis a todas as mulheres modernas. A sociedade como um todo tinha deveres a cumprir no regime imposto. De acordo com o Código de Posturas de 1880 e 1897, o intendente Antônio Lemos proibia:

proferir palavras obscenas, nas ruas e lugares públicos, praticar atos ou gestos reputados ofensivos à moral e à decência; tomar banho nas praças e fontes públicas (...); fazer algazaras, dar gritos sem necessidade, apitar, organizar batuques e sambas; tocar tambor; carimbo; bem com a reunião de escravos; fâmulos ou criados nas lojas; tabernas; açougues; ruas e praças (...); danças de cordões de pastores fora do carnaval (SARGES, 2002, p.145-146).

## TUDO EM NOME DA BOA POSTURA SOCIAL

Essas medidas, segundo o discurso oficial do intendente, foram tomadas em favor do silêncio, como forma de amenizar a poluição sonora que aumentou consideravelmente por causa do aumento demográfico e do tráfego de veículos em Belém. O controle do estado atingia, inclusive, dimensões da vida privada do indivíduo, como as proibições de ir à janela ou porta em traje indecente ou em completa nudez, ou conservar-se em casa desse modo ou de maneira que os transeuntes pudessem ver.

O Estado preocupou-se ainda com a saúde pública, área bastante notória nesse período, já que as epidemias dizimavam grande parte da população citadina e dos arredores. Em decorrência disso, Lemos instituiu que o modo alimentar da população estaria sujeito à fiscalização municipal. Foi estabelecido que a carne verde só poderia ser consumida pela população após a autoridade reconhecê-la sã e nutritiva. Além disso, os locais de venda deveriam ser preparados ou construídos para tal finalidade e conservados com toda higiene. Por outro lado, nenhum morador poderia ter em sua casa pessoa infectada de doença contagiosa sob pena de pagar uma pesada multa, conforme o artigo 43 que foi estabelecido na época.

Estas e outras práticas executadas pela sociedade paraense se explicam na transformação cultural da época. Ou seja, culturalmente, Belém foi dominada pelo “francesismo”. As mudanças também eram assistidas no espaço urbano físico. Com o investimento urbanístico do período, Belém passou a contar com estradas de ferro que faziam o transporte da população, a qual também contava com os bondes, já que a cidade foi uma das primeiras que contou com o fornecimento de energia elétrica. A partir desse processo de modernização, intensificou-se a movimentação de veículos na cidade, mais um dos sintomas da modernidade que a *Belle Époque* anunciava.

## CONSOLIDAÇÃO DAS ARTES

No período em questão, os prédios possuíam fachada em *Art Nouveau*, que é um estilo marcado por pinturas floridas e arte esculpida em ferro, como as várias

grades e escadarias vistas nas mansões da época. Os móveis de ebanistas franceses também eram em estilo *Art Nouveau*, pois mostravam elevada elegância e luxo de seus donos. Os casarões luxuosos em estilo neoclássico, com a presença de frontão, colunas dóricas, jônicas e clássicas, além da simplicidade arquitetônica proporcionavam um embelezamento único à cidade, passando até a transformar-se em patrimônio histórico de Belém.

Tanto os estilos quanto os materiais para construção eram trazidos do estrangeiro. Os azulejos das moradias da elite eram importados de Portugal, e os granitos (paralelepípedos) que serviam para o encaçamento das ruas também eram vindos da Europa. Assim como as ferragens moldadas em *Art Nouveau* utilizadas para montar o célebre mercado Ver-O-Peso.

Até os dias atuais encontramos em Belém ruas típicas dessa época, com nome de personagens do período, além de casarões, quiosques, praças de estilo europeu. O jornalista que, ao cobrir uma matéria sobre determinados assuntos de Belém e desconsiderar esses aspectos, estará comprometendo a qualidade da notícia e ocultando os requintes da época.

Os estilos enraizados na época também tinham influência da mitologia grega, como pode ser observado na pintura de deuses feita no teto do Teatro da Paz. Mas não era apenas de estilos europeus que a arquitetura era composta, o regionalismo marajoara e tapajônico eram misturados aos estilos anteriormente citados. A construção do período que melhor exprime esses requisitos estilísticos é o Teatro da Paz, pois assume esses estilos de forma harmoniosa e sofisticada.

O Teatro da Paz assumiu bem mais que estilos arquitetônicos. Em 15 de fevereiro de 1878, aconteceu o marco da história paraense: a abertura do magnífico Teatro de Nossa Senhora da Paz. O exuberante teatro foi preparado especialmente para os bailes carnavalescos, que eram apreciados pela aristocracia e burguesia. Ou seja, ele foi o protagonista cultural de uma época onde as grandes cidades sempre possuíam um teatro como símbolo de esplendor e riqueza.

Na *Belle Époque*, o Teatro viveu seu tempo de esplendor, com variedade de espetáculos de todos os gêneros possíveis. Depois desse momento, nunca mais houve a intensa apresentação de espetáculos no mesmo. Faziam parte desse cenário os

concertos, as óperas, as danças, as cantatas, todos numa perspectiva lírica. A Companhia Lírica Italiana de Donato Rotolli, e muitas outras, de todo lugar do mundo, vinham à Belém apresentar-se à elite; a capital amazônica era parada obrigatória, mesmo sendo distante da capital brasileira da época (Rio de Janeiro) e proporcionando um dificultoso transporte aos que aqui se destinavam.

O lirismo que compunha o teatro da época anunciava um grande compositor, uma grande obra: Carlos Gomes, “O Guarani”. Adaptado do romance homônimo de José de Alencar, tem-se uma história ambientada aproximadamente em 1560, nos arredores do Rio de Janeiro. Na trama, o cacique dos guaranis, Pery, apaixona-se por Cecília, filha de um fidalgo português e chefe dos caçadores de uma colônia lusitana. A música é capaz de representar as adversidades e grandezas desse caso de amor com final feliz.

Há de se ressaltar que Carlos Gomes não apenas escrevia óperas. Em seu repertório, encontravam-se modinhas, cantatas, música sacra e operetas. E nessa trilha sonora de uma época de dramas, paixões, alegrias e revoluções, Carlos Gomes soube destacar-se como retrato do Brasil no século XIX e ficou conhecido internacionalmente como compositor de obras.

O canto lírico nessa época contou também com a participação de grandes artistas como: Henrique Eulálio Gurjão, José Cândido da Gama Malcher, Octávio Meneleu Campos e Paulino Lins de Vasconcelos Chaves. Houve também O grupo Quorum, grupo paraense de grande sucesso que canta até hoje as belezas da *Belle Époque*. A música “O Canto de Paris N’América Paraense”, composta pelo maestro francês André Messager, em 1890, é um dos símbolos da arte erudita consumida pela elite de Belém no período da *Belle Époque*.

Todo esse refinamento teatral e musical destinado à alta sociedade paraense mais uma vez impediu a massa, o povo, de participar da modernidade em construção. Porém, a falta de espaço físico e de aproximação a tão sofisticadas práticas não foram empecilhos na formação de um teatro popular. A partir da busca por entretenimento e arte, o povo criou seu próprio teatro.

Estas práticas das classes populares eram vistas principalmente nos Cordões de Pássaros, de Bichos, e Bumba Meu Boi. Danças miméticas que se baseavam na

perspectiva animalésca, que nasceram dos festejos religiosos (círio) e juninos. A priori, estas manifestações eram feitas principalmente por escravos, o que se confirma em registros do autor português David Corrêa Sanches e de Melo Moraes Filho. Ambos caracterizam, respectivamente, esses movimentos como “um folguedo de ambulante de escravos” e “divertimento da canzoada, da gente de pé rapado”. É de fundamental importância o jornalista saber a origem desses eventos artísticos para produzir boas matérias a respeito.

Os manifestos teatrais populares da época possuem semelhanças com as atuais “Aparelhagens”, forma de entretenimento massificado que estimula até mesmo rivalidade entre os diferentes segmentos. É importante ressaltar que os participantes dessas manifestações populares são tomados por uma paixão intensa, e comportam-se como uma tribo, propagando e defendendo valores comuns.

Mais tempo que o sofisticado teatro de elite, o teatro popular manteve-se ativo mesmo após o declínio da economia local, e passou a contribuir também para o lazer das classes elevadas no fim do ciclo da borracha. Atualmente, principalmente nas temporadas juninas, ainda acontecem apresentações de grupos que transmitem esses valores culturais massificados da Belém da *Belle Époque*.

O fausto ilusório desse momento ostentou o teatro como manifestação artística e cultural de grande valor, mas não se restringiu nesse parâmetro. Também foi dada certa atenção, mesmo que inferior, à outra das Belas Artes que compunha o cenário de luxo da época, a literatura. O movimento literário paraense da época contou com grandes nomes que enriqueceram a produção literária na Belém da *Belle Époque*, como Guille Furtado Bandeira, a primeira mulher a ser admitida numa Academia de Letras no Brasil. Essa escritora trabalhou no jornal *A Província do Pará*, no período da administração de Antônio Lemos, publicando poemas e trabalhos jornalísticos. Na poesia, o trecho de um de seus notórios poemas expresso nos seguintes versos:

### **Melancolia**

Parece que desceu da imensidade  
Encheu-me os olhos pávidos de susto,  
Com sua imagem feita de luar,

Pousou de leve a forma no meu busto,  
Segredou-me seu nome - era Saudade...

Outro nome relevante foi Augusto Rangel Borborema, homem de inúmeros cargos públicos integrado diretamente com questões judiciárias. Uma de suas escrituras notáveis é o discurso que fez na solenidade de formatura de sua turma na Faculdade de Direito do Pará:

### **A Festa da Saudade**

Esta solenidade é bem uma festa puramente sentimental. Há um afastamento definitivo... Há um passado a considerar... É uma despedida que se faz. Uma ausência que se esboça... É festa da saudade.

As manifestações intelectuais do período da *Belle Époque* em Belém também contavam com talentos habilidosos que discorriam sobre a ciência. Argemiro Orlando Pereira Lima foi um deles. Professor da Faculdade de Medicina do Pará e diretor da Maternidade da Santa Casa de Misericórdia do Pará, foi um estudioso da língua portuguesa e consagrou-se como um escritor de linguagem escorreita, teve diversos trabalhos científicos publicados, como “Nova Técnica de Decaptação”, “Cesariana Segmentar” e “As Mães dos Primeiros Filhos”.

Também faz parte desse período Raimundo Moraes. Natural de Belém, foi singular aos seus coetâneos, um notável intelectual de inúmeras habilidades que chegou a seguir carreira marítima. Suas obras remetem, em quase sua totalidade, à Amazônia. O que se confirma nos versos do poema “Oração à Seringueira”:

Tua copa verde, chapéu de sol esmeraldas, representa o abrigo  
tutelar dos peregrinos da selva, deserdados egressos de outras  
plagas. A seiva propícia de tuas veias, ao se transformar no ouro  
maravilhoso, leva o óleo à frente dos moribundos e o lenitivo à  
chaga dos ulcerados. È unção e bálsamo. Adorada sejas!  
Adorada sejas!

Um dos marcos na história do movimento literário paraense ficou na responsabilidade de Arthur Theodullo dos Santos Porto, prosador, advogado, educador, poeta e fundador do conceituado e extinto Colégio Progresso Paraense. Foi autor dos versos cantados até os dias atuais no Hino do Pará:

Ó Pará, quanto orgulho ser filho  
De um colosso, tão belo e tão forte!  
Juncaremos de flores teu trilho,  
Do Brasil, sentinela do Norte.  
E a deixar de manter este brilho,  
Preferimos, mil vezes, a morte!

Esses são apenas uns dos nomes que se destacaram no movimento intelectual paraense. E, a partir desses nomes é possível compreender como foi enriquecida a Literatura da época. Naquele tempo, já moderno – pois a labuta do escravo caboclo seringueiro na selva permitia tal denominação por meio de riquezas – valorizava-se a cultura escrita.

Outra forma de luxo foi possível à elite paraense através da rentabilidade advinda da extração do látex refere-se às exposições cinematográficas em locais que não se destinavam exclusivamente à projeção de filmes, como os teatros. Em 1911, Belém contava com vários estabelecimentos que exibiam filmes. Dentre esses, estavam o “Bar Paraense”, um espécie de casa de *shows*; o cinema Nazareth, destinado exclusivamente a exibição de filmes; “Bar Americano”, então situado na Batista Campos e o “Cinema Rio Branco”, além do Cinema Ouvidor que começou a exibir filmes no Teatro da Paz.

Em 1912 foi inaugurado o primeiro cinema de luxo em Belém, chamado de Olympia. As *premières* eram frequentadas por senhores de terno e gravata e senhoras vestindo longos. A decoração tinha os mais finos mármore e os mais delicados lustres de cristal.

Entretanto, a grandeza e a modernidade da Belém da *Belle Époque* não abrangeram toda forma de arte, as ondas desse “mar de rosas” não banhou as “areias” das artes pictóricas. Nesse período,

o circuito cultural artístico *fin-de-siècle* XIX em Belém demonstrou-se mais produtor e efervescente, nos campos da música e do drama que, ao contrário das artes plásticas, conseguiram se consolidar com a criação do Conservatório de Música, no governo de José da Cunha Junior, sustentado que fora pela Sociedade Propagadora das Belas Artes e, mais tarde, pelos recursos provenientes de parte das bilheterias das apresentações das companhias internacionais que recheavam a pauta do Teatro da Paz,

principalmente no período da economia gomífera na Amazônia (FARIAS, 2007).

Apesar dos pesares que influenciavam na desvalorização das artes plásticas, surgiram grandes nomes da pintura como Antônio Diogo da Silva Parreiras, Constantino Pedro Chaves da Motta e Theodoro José da Silva Braga, pintores que faziam de suas obras registros da sociedade, refletindo o ambiente mais que simplesmente representando-o, aplicando certo regionalismo, configurando a obra de arte como uma criação permanente onde a mensagem estética contida nela não possui uma significação única, pois transmite para diferentes receptores formas distintas de pensar e sentir. Estes pintores utilizavam as técnicas do paisagismo para realizar seus trabalhos pictóricos. Nos meados do século XIX,

O mundo toma uma nova postura diante do progresso da ciência, mais necessidades de espaços, utilização intensa de recursos naturais, formam uma nova atitude diante a natureza e esta percepção influencia circunstancialmente o mundo físico e a forma de representação do mesmo. (...). A arte da paisagem começou a mudar de rumo, foi perdendo seu apelo romântico, ou seja, a paisagem foi deixando de ser um apelo sentimental, baseado na introspecção melancólica do mundo, passando a ser um gênero artístico que se baseava principalmente na observação da natureza, especialmente na elaboração das formas, cores, texturas e luz, um caminho que acabou por conduzir ao impressionismo (ARRAES, 1979, p. 7).

No Brasil, o paisagismo surge apenas no fim do século, ocasionado principalmente pelo intercâmbio de artistas que recebiam bolsas de estudo no exterior, onde podiam aperfeiçoar suas técnicas. Este intercâmbio estimulava cada vez mais o gosto pelas artes europeias, estabelecendo no Brasil a difusão deste gênero artístico. Geralmente, os artistas locais partiam para Europa ou para outros estados brasileiros por não terem na região o ensino qualificado e a valorização das artes.

É necessário ressaltar que o estigma das artes manuais contribui intensamente para o desinteresse relativo às artes plásticas. As famílias tradicionais não prestigiavam a carreira artística, seus filhos deveriam ter formação superior nos cursos de direito, medicina ou engenharia, jamais em artes. Ou seja, havia um preconceito pelo fato de as artes manuais serem executadas, historicamente, por escravos ou por

peças de capacidade intelectual inferior. Logo, é possível compreender o estado da prática artística no Brasil e especificamente no Pará.

Há apenas dois fatos que se diferem desse cenário de negligência do poder público local para com as artes: a criação do Liceu Paraense em 1941, e a regulamentação proveniente da Lei nº 61 de 1892, que assegurava a alguns artistas (pensionistas) seus estudos fora da região, nos países europeus, principalmente. Constantino Motta foi um dos beneficiados da bolsa de estudos instituída pela Coroa. A partir dessas duas ações, o cenário das artes plásticas no Pará se reconfigurou.

Porém, este ato positivo para o desempenho dos artistas durou somente até 1901, quando o governador Augusto Montenegro suspendeu esta responsabilidade do poder público. Aos nossos artistas, restou confirmar o movimento migratório que se exprime nas seguintes citações: “se é bom não é daqui” e “se é bom não fica aqui”, como ocorreu com Theodoro Braga; ou pior: um final de pobreza, penúria e abandono.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Belle Époque* representou a elevação de Belém em seus mais distintos aspectos. Contudo, o esplendor visto no final do século XIX e início do século XX limitaria seu desenvolvimento à extração do látex, ou seja, quando o ciclo econômico da seringueira diminui-se ou mesmo extingue-se, Belém permaneceria estagnada a essas tendências da época áurea do ciclo da borracha, e o cenário artístico e cultural da cidade acompanharia essa tendência.

Por volta de 1920, confirma-se o fim do ciclo econômico belenense, em razão da redução da produção do látex amazônico determinada pela concorrência asiática e pela produção da borracha sintética em laboratórios europeus e norte-americanos. Esses foram os principais motivos responsáveis por Belém estagnar seu crescimento econômico, abandonar suas práticas esbanjadoras e deixar de ser a “capital da borracha”.

A pompa efetivada a partir de preceitos do período conhecido como *Belle Époque* não resistiu à decadência econômica da cidade; afinal, nenhuma forma de

luxo sustenta-se distante de riquezas. Dessa forma, passaram a ser dizimados os valores artísticos e culturais estabelecidos na Belém da *Belle Époque*.

Remanescente desse estilo de vida, talvez somente os prédios, pois tudo se tornou uma opulência ilusória, efêmera, já que os alicerces econômicos foram construídos entusiasmadamente sobre areia; se fossem construídos racionalmente sobre rochas, provavelmente não cederiam facilmente às pressões estrangeiras. O jornalista, quando adquire conhecimentos oriundos dessa perspectiva histórica, cultural e artística da Belém da *Belle Époque*, consegue compreender certas particulares econômicas, sociais e políticas do Pará, podendo revelar esse conhecimento nos mais diversos meios de comunicação de massa para a efetivação da cultura local e regional.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARRAES, Rosa Maria Lourenço. **Paisagens de Belém: Aspectos da natureza amazônica retratada nas telas do pintor Antônio Diogo Parreiras (1860-7937)**. Disponível em: <<http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/textos/ROSA%20MARIA%20LOUREN%C3%87O%20ARRAES.pdf>>. Acesso em 13 abr 2008.
- Carlos Gomes. Disponível em: <<http://www.bn.br/fbn/musica/cgomes.htm>>. Acesso em: 9 abr. 2008.
- COUTO, Aiala Colares de Oliveira. **Modernização e Embelezamento das Cidades: Uma Comparação Entre a Europa e a Amazônia**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3702/1/modernizacao-e-embelezamento-dascidades-uma-comparacao-entre-a-europa-e-a-amazonia/pagina1.html>>. Acesso em: 9 abr. 2008.
- FARIAS, Edison. **Tramas e Dramas Sobre a Tela de Constatino da Motta**. In: 19&20 – A revista eletrônica de DezenoveVinte. V. 2, abr 2007. Disponível em: <<http://www.dezenovevinte.net/>>. Acesso em: 10 abr. 2008.
- ILDONE, José; MEIRA, Clóvis; CASTRO, Acyr. **Introdução à Literatura no Pará**. 6.v. Belém: CEJUP, 1995.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O Teatro Que o Povo Cria: Cordões de Pássaros, Cordões de Bichos, Passáros Juninos de Belém do Pará – Da dramaturgia ao espetáculo**. Belém: Secult, 1997.
- SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. 2.ed. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVEIRA, Rose. **O Theatro da Paz e sua História**. Disponível em: <<http://www.theatrodapaz.pa.gov.br/historico3.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2008.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas: A moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Theodoro Braga. Disponível em: <[http://dezenovevinte.locaweb.com.br/bios/bio\\_tb.htm](http://dezenovevinte.locaweb.com.br/bios/bio_tb.htm)>. Acesso em: 11 abr. 2008.